

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

ENTRE PENSAR E SER, HEIDEGGER E PARMÊNIDES

Fernando Pessoa
Universidade Federal do Espírito Santo

“A desfiguração do pensar e o abuso do pensamento desfigurado só poderão ser superados por um pensar autêntico e originário, e por nada mais. Uma nova instauração desse último exige, antes de tudo, o regresso à questão sobre a referência essencial do pensar com o ser. O que equivale a desdobrar e desenvolver a questão do ser como tal”.

Heidegger, *Introdução à metafísica*.

A tarefa do pensamento de Heidegger consiste em recolocar a questão do sentido do ser. Tal tarefa nasce da necessidade histórica de questionar o que é mais digno de ser pensado; a recolocação da questão ontológica provém da própria indigência promovida pelo *esquecimento do ser*. A tradição filosófica, caracterizada como pensamento metafísico, não só deixou sem resposta a questão inaugurada pelos gregos antigos, como também esqueceu o sentido de seu questionamento: o que fomentou as pesquisas de Platão e Aristóteles acabou sendo caracterizado por Nietzsche como “um grande erro”, “a última fumaça da realidade evaporante”¹. Ao constatar este esquecimento, Heidegger assume a tarefa histórica de, no acabamento da metafísica, recolocar a questão do sentido do ser – tarefa que, apresentada em *Ser e tempo* (1927), atravessa, orienta e perfaz todo o caminho de seu pensamento.

Heidegger afirma que o esquecimento do ser corresponde à decadência no ente: “O esquecimento da verdade do ser em favor da avalanche do ente, não pensado em sua essência,

¹ Nietzsche, F. *Crepúsculo dos Ídolos* VIII. Cf. Heidegger, M. *Introdução à metafísica*, 1978, p. 63.

é o sentido da ‘decadência’ mencionada em *Ser e tempo*.² Podemos compreender formalmente essa afirmação esclarecendo que a diferença entre ser (*Sein*) e ente (*Seiende*) corresponde à diferença entre o infinitivo e o particípio presente do verbo ser. Ente indica o que se efetua, tudo que é real e efetivo; ente é a realização do ser, o que é. Distinto do efetivo que, assim, aparece como real, o ser, enquanto infinitivo verbal, se dá na possibilidade de o ente aparecer – ele é o seu princípio original. Como princípio dos entes, origem de tudo que é, o ser não é um fundamento por detrás (aquém ou além) dos entes; o ser *se dá* como o viger do aparecer que permanece latente em tudo que aparece; o ser é a possibilidade do aparecer, que se oculta em todo ente que aparece – como vigor do possível, o ser se encobre no que se realiza. O esquecimento da verdade do ser em favor da avalanche do ente ocorre, primeiramente, por essa tendência constitutiva de o aparecimento do real encobrir a vigência de sua possibilidade. Essa tendência essencial foi exacerbada historicamente pelo fato de o homem moderno, ao instituir a certeza como única medida da verdade, passar a só interpretar como verdadeiro o que é efetivamente real, desconsiderando o horizonte, o âmbito ou a abertura, de sua possibilidade. A partir de, por um lado, a compreensão da diferença entre ser e ente e, por outro, a constatação de que o homem moderno, decaído no ente, esqueceu o ser, Heidegger propõe recolocar a questão ontológica, a fim de nos fazer despertar para a compreensão do sentido de ser: “Diante da apatridade que lhe afeta a essência, o destino vindouro do homem se apresenta ao pensamento da história do ser no fato de o homem ter de encontrar a verdade do ser e pôr-se a caminho para esse encontro.”³

A verdade do ser foi esquecida devido ao homem moderno só considerar a certeza dos entes. Tal fato ocorre, como indicado acima, primeiramente, pela nossa própria tendência de interpretar a realidade só a partir do que se tornou real, desconsiderando a sua possibilidade e, também, devido ao predomínio da interpretação moderna da verdade como certeza de uma adequação correta entre juízo e coisa. Dentre os diversos fatores que fomentaram e conduziram a destinação desse esquecimento, buscaremos compreender o que Heidegger caracterizou como a separação entre pensamento e ser, promovida pela interpretação moderna de essência e verdade. O propósito deste texto é mostrar como Heidegger, em seu projeto de superação da metafísica moderna, recoloca a questão do sentido do ser através de uma repetição da compreensão da identidade entre pensar e ser indicada por Parmênides. Essa

² Heidegger, M. *Sobre o humanismo*, p. 53.

³ Idem, *Sobre o humanismo*, p. 67.

Pessoa, Fernando
Entre pensar e ser, Heidegger e Parmênides

demonstração visa a esclarecer o projeto heideggeriano de desconstrução da noção vigente de verdade como adequação, através da interpretação da verdade como descobrimento.

A tarefa de recolocar a questão da verdade do ser foi encaminhada pelo pensamento de Heidegger através da demonstração de que a interpretação da verdade como certeza, adequação correta entre juízo e coisa, é derivada do fenômeno, até então impensado, de descobrimento do ser. Recorrendo à tradução hermenêutica do termo grego antigo *alétheia* pelo alemão *Unverborgenheit* (descobrimento), Heidegger propõe mostrar a relação de identidade do pensamento com o ser:

“Se traduzo obstinadamente o nome *Alétheia* por descobrimento, faço-o não por amor à etimologia, mas pelo carinho que alimento para com a questão mesma que deve ser pensada, se quisermos pensar aquilo que se denomina ser e pensar de maneira adequada à questão. O descobrimento é como que o elemento único no qual tanto o ser como o pensar e seu comum-pertencer podem dar-se. A *Alétheia* é, certamente, nomeada no começo da filosofia, mas não é propriamente pensada como tal pela filosofia nas eras posteriores.”⁴

A tarefa do pensamento de Heidegger, o seu propósito de recolocar a questão do sentido do ser, provém do que ele chamou de *Sache*, a questão ou o assunto mais digno de ser pensado – a saber, o descobrimento como o elemento no qual tanto o ser quanto o pensar podem mutuamente se dar em seu comum-pertencimento. Nomeado no começo da filosofia, mas sem ser posteriormente pensado como tal, o fenômeno da verdade como *alétheia* acabou sendo entulhado pela interpretação da verdade como certeza; esse processo corresponde ao que foi indicado como o esquecimento do ser em favor da avalanche do ente.

A fim de recolocar a questão do ser no horizonte da diferença ontológica, Heidegger propõe questionar a essência da verdade a partir da questão da verdade da essência. Para o nosso propósito de mostrar a sua compreensão da relação do pensamento com o ser a partir da essência da verdade, devemos, portanto, demonstrar essa tese apresentada pela primeira vez na observação final do texto *Sobre a essência da verdade*: “A questão da essência da verdade se origina da questão da verdade da essência”⁵.

⁴ Idem, O fim da filosofia e a tarefa do pensamento. In: *Conferências e escritos filosóficos*, p. 79.

⁵ *Die Frage nach dem Wesen der Wahrheit entspringt aus der Frage nach der Wahrheit des Wesens.*

Heidegger indica que, a partir da confusão entre ser e ente, o pensamento metafísico, movido pela necessidade de obter a certeza de seu conhecimento, passou a compreender o ser como realidade, coisa, *res*: “O *ser* recebe o sentido de *realidade*. A determinação fundamental do ser torna-se substancialidade. (...) Assim, o ser *em geral* adquire o sentido de *realidade*. Em conseqüência, o conceito de realidade assume uma primazia toda especial na problemática ontológica.”⁶ Por o homem moderno só legitimar o que pode ser apreendido pela certeza do conhecimento, a realidade passou a ter uma primazia sobre a possibilidade, promovendo uma interpretação da essência como substância. Referindo-se a Descartes (*Principia* I, n. 51), Heidegger, no início do §20 de *Ser e tempo*, define a substância como o ente que é sem necessitar de nenhum outro ente: “O ser de uma substância caracteriza-se por uma não necessidade”. Substância é o *ens perfectissimum*, um princípio que, sendo por si e em si, independe de produção e de conservação, pois não nasce nem perece, mantendo-se inalterado e sempre igual a si mesmo em toda divisão, figuração e movimento. A partir dessas características, a essência, interpretada como substância, passa a ser compreendida através do caráter de permanência constante⁷ – *Propriamente só é o que sempre permanece*⁸.

Devido a este seu caráter de permanência constante, a essência passou a ser caracterizada nesses dois aspectos complementares: pela permanência, na separação entre ser e vir a ser; e, pela constância, na separação entre ser e aparecer. O caráter de permanência da substância separa o ser do vir a ser, conforme a formulação lapidar de Nietzsche: *o que é não vem a ser; o que vem a ser não é...* Diante da permanência do ser, o vir a ser foi associado ao não ser através da distinção verdade *versus* falsidade: enquanto a essência verdadeira de algo consiste no que nele há de permanente, o falso perece no vir a ser. Do mesmo modo, o caráter de constância da substância separou o ser do aparecer de acordo com a máxima: *parece mas não é...* Por sua própria inconstância, a aparência foi também associada ao não ser através da distinção verdade *versus* falsidade. O caráter de permanência constante da substância promove as separações entre ser e vir a ser e ser e aparecer, através da diferenciação entre verdade e falsidade: enquanto a verdade do que é permanece sempre constante, a falsidade do que não é vem a ser no que parece. Heidegger indica que foram essas separações entre ser e vir a ser e ser e aparecer, compostas com a distinção entre verdade e falsidade, que promoveram a cisão entre o que é (o *ti estin*: a quiddidade) e o fato de ser (o *hoti estin*); o que,

⁶ Cf. Idem, *Ser e tempo* § 43, p. 267.

⁷ Cf. Idem, *Ser e tempo* § 19, 137 (Charakter des ständigen Verbleibs).

⁸ Idem, *Ser e tempo* § 21, p. 142.

Pessoa, Fernando
Entre pensar e ser, Heidegger e Parmênides

por sua vez, foi a proveniência da ruptura entre a essência (o *ontos on*) e a existência (o *phainomenon*)⁹. Foi este processo promovido pela decisão ontológica de interpretar a essência como substância que também instaurou a cisão entre pensar e ser: o pensamento passa a ter uma substância própria, a *res cogitans*, distinta e autônoma.

“Descartes distingue o ‘*ego cogito*’, como *res cogitans*, da ‘*res corporea*’. Essa distinção determinará ontologicamente a distinção posterior entre ‘natureza’ e ‘espírito’.”¹⁰ Heidegger compreende que Descartes promoveu uma cisão entre homem e mundo, à medida que compreendeu o pensamento como um fundamento, a substância do eu: *ego cogito – ergo – ego sum*: penso, conseqüentemente, sou. Como substância do eu, o pensamento passou a ter uma autonomia de tudo que não é ele mesmo, tornando-se uma coisa ideal, a *res cogitans*, essencialmente diferente de todas as outras coisas corpóreas, que passaram a ser constituídas por uma outra substância, a *res extensa*. Com a distinção essencial do ‘*ego cogito*’ da ‘*res corporea*’, diante da realidade cindida em duas substâncias, em *res cogitans* e *res extensa*, a verdade passa a ser a certeza de uma concordância do juízo com a coisa, uma adequação correta entre o pensamento ideal e a extensão real: “A definição nominal da verdade, a saber, que consiste na concordância do conhecimento com o seu objeto, é aqui concedida e pressuposta...” – como podemos constatar nessa advertência escrita por Kant em sua *Crítica da razão pura*¹¹.

Como conseqüência de todas essas separações promovidas pela primazia da realidade na problemática ontológica, pela essência interpretada como substância, a questão da verdade foi reduzida ao problema da síntese entre o conhecimento ideal e a coisa real. A fim de desconstruir essa compreensão de essência e verdade, Heidegger pergunta no §44 de *Ser e tempo: Como se deve apreender ontologicamente a relação entre o ente ideal e o real simplesmente dado?* – pois, se a realidade encontra-se cindida em duas substâncias, em seu modo de ser, a concordância é real, ideal ou nenhuma delas? Isto é: a verdade como concordância é subjetiva (ideal), objetiva (real) ou, além dessas duas, haveria na realidade uma terceira substância? – “Ou será que o descaminho da questão consiste em seu ponto de partida, ou seja, na separação ontologicamente não esclarecida entre real e ideal?”¹²

⁹ Cf. Idem, *Introdução à metafísica*, pp. 200-208.

¹⁰ Idem, *Ser e tempo*, § 19, p. 135.

¹¹ Kant, *Crítica da razão pura*, A 82 (tradução de Valério Rohden). Passagem citada por Heidegger em *Ser e tempo* § 44-a, p. 282.

¹² Idem, *Ser e tempo* § 44, p. 284.

Desde *Ser e tempo*, toda a tarefa do pensamento de Heidegger consistiu em recolocar a questão do sentido do ser no horizonte da diferença ontológica, a fim de mostrar que, como o ser não é um ente, antes de se constituírem como duas substâncias, as essências de homem e mundo se dão na existência; e que, portanto, antes de estarem separados ontologicamente em dois fundamentos autônomos, homem e mundo têm origem no comum-pertencimento do acontecimento existencial. A esse acontecimento original, Heidegger chamou de *Da-sein*, a fim de indicar a instância (*Da*) onde o ser (*Sein*) aparece e vem a ser, a presença do que se apresenta, a existência. Com essa palavra, *Dasein* (presença), Heidegger quer indicar que, antes de estarem ontologicamente separados em sujeito e objeto, o homem e o mundo se constituem na unidade do acontecimento existencial, no *Da* do *Dasein* – o que ele, em *Ser e tempo*, chamou de “ser-no-mundo”¹³ e, posteriormente, caracterizou como “clareira do ser”: “o homem se essencializa, de tal sorte que ele é o ‘lugar’ (*Da*), isto é, a clareira do ser. Esse ‘ser’ do lugar, e só ele, possui o caráter fundamental de ec-sistência, isto é da in-sistência ec-stática na verdade do ser”¹⁴.

Ao contrário do *sub* da substância, que indica o que está abaixo, sob, no interior do ente, o *ex* da existência diz o que se constitui fora, exposto na presença do que se apresenta, lançado no jogo do acontecimento de ser. Como existência, a essência do homem não é uma substância real, um ente simplesmente dado; por existir, o homem se essencializa na possibilidade da clareira do ser, isto é, na insistência ecstática na verdade do ser. A insistência ec-stática indica a dinâmica de estar simultaneamente aberto e fechado; aberto ao possível vir a ser do que aparece e fechado no que se efetuou como real, o aparecido. Existencialmente jogado na diferença ontológica, o homem se dá, sempre e ao mesmo tempo, lançado ecstáticamente no poder ser e situado na realidade do que é: *Ek-sistente, a presença é insistente*¹⁵: aberto ao ser, o homem se fecha no ente. Insistir ecstáticamente na verdade do ser indica a nossa condição de ser no aparecimento do que vem a ser, de termos a nossa essência lançada no *pre* de nossa *presença*, na clareira de ser.

Por essa nossa essência existencial, Heidegger indica que somos no mundo. Antes de uma composição posterior de duas partes, a interioridade de um sujeito dentro da extensão, ser-no-mundo indica o comum pertencimento, o nexos original de homem e mundo no acontecimento existencial do *pre* de nossa presença. Somos no aparecimento de nosso vir a

¹³ “O que se constitui essencialmente pelo ser-no-mundo é sempre em si mesmo o ‘pre’ de sua presença.” – Idem, *Ser e tempo* § 28, p. 186.

¹⁴ Idem, *Sobre o humanismo*, p. 43.

¹⁵ Idem, Sobre a essência da verdade § 6. In: *Conferências e escritos filosóficos*, p. 142.

ser, jogados no aí do aqui e agora de nossa situação; por existirmos, somos um ente aberto ao ser. Existir é compreender que o ente é, consiste em estar na clareira de ser no mundo. Por insistir ecstáticamente na verdade do ser, a presença já sempre se compreendeu a si mesma em seu mundo, a partir do sentido da conjuntura presente, da compreensão do nexos do que se apresenta no contexto de sua situação. Antes de qualquer síntese entre duas substâncias, Heidegger indica que a verdade é esse acontecimento de ser, o descobrimento do sentido dos entes.

A compreensão existencial do ser-no-mundo traz consigo uma outra interpretação da essência, distinta daquela que, calcada no primado da realidade sobre a possibilidade, encaminhou a metafísica ao esquecimento do ser. Ao interpretar a essência como existência, Heidegger recorda-se de um sentido dinâmico de essência, o seu modo verbal, esquecido na antiga palavra alemã *Wesen*:

“A palavra ‘essência’ não significa mais o que uma coisa é. Escutamos a palavra alemã *Wesen*, essência, como um verbo, *wesend*, ou seja, como vigorar, no sentido de vigorar na presença e na ausência. *Wesen*, vigorar, diz *währen*, perdurar, *weilen*, demorar. A expressão *es west*, está em vigor, significa mais do que está durando, demorando. Está em vigor diz que algo persiste, perdura e assim nos toca, nos en-caminha e nos intima. Pensada desse modo, a essência designa o vigor, o que persiste e perdura, o que nos concerne em tudo que nos toca, porque é o que tudo encaminha e movimenta”.¹⁶

Como o que persiste, perdura e nos perfaz, a essência, pensada em seu sentido verbal, indica o vigor da existência, a manifestação de sua própria verdade. Essa verdade da essência nos concerne em tudo que somos; ela é o vigor que encaminha e movimenta a nossa compreensão de ser – a verdade da essência é o que nos intima a compreender a questão da essência da verdade. Considerando este assunto em sua observação final à conferência *Sobre a essência da verdade*, visando ao esclarecimento de como a questão da diferença ontológica é o fundamento de sua compreensão da verdade como descobrimento, Heidegger afirma que:

“A questão da essência da verdade se origina da questão da verdade da essência. Aquela questão entende essência, primeiramente, no sentido de quiddidade (*quidditas*) ou de realidade (*realitas*) e entende a verdade como uma característica do conhecimento. A questão da verdade da essência entende essência em sentido verbal e pensa, nesta palavra, (...) o ser (*Seyn*) como a diferença que impera entre ser (*Sein*) e ente (*Seiendem*)”.¹⁷

¹⁶ Idem, A essência da linguagem. In: *A caminho da linguagem*, p. 158.

¹⁷ Idem, Sobre a essência da verdade. In: *Conferências e escritos filosóficos*, p. 145.

Antes de conceber a essência como uma quiddidade ou realidade, um ente que simplesmente é e está sendo, e assim entender a sua verdade como uma característica do conhecimento, a certeza de uma síntese correta, Heidegger propõe desde *Ser e tempo* a tarefa de compreender o ser no horizonte da diferença ontológica para, assim, pensar o sentido verbal da essência da verdade. O ser não é um ente, por isso antes de a sua verdade ser uma determinação proposicional da substância, a certeza de um juízo ou categoria adequada à realidade, ela consiste na descoberta do sentido do que é e está sendo.

Verdade é descoberta – e isso em dois modos: primordialmente, verdade indica o descobrimento dos entes, o aparecimento da realidade, do que se mostra, o fato de o ente ser: *a presença é e está ‘na verdade’*¹⁸; bem como verdade indica também um acontecimento especial de ser-no-mundo, o descobrimento do ser que Heidegger caracterizou, em *Ser e tempo*, como decisão (*Entschlossenheit*) e, posteriormente, como acontecimento apropriante (*Ereignis*). Embora não explicitamente formulado deste modo, encontramos em seus escritos esses “dois níveis” do acontecimento da verdade como descobrimento; cabe compreendermos como, ao contrário de dois níveis, Heidegger quer assim indicar que a vigência existencial de nossa essência perfaz o que somos tanto na realidade ordinária do que é habitual, quanto em sua modificação na possibilidade extraordinária de nosso acontecimento existencial.

Existir é ser na compreensão de ser. Por compreendermos o ser, a nossa essência nunca se apresenta como uma substância, um ente pronto e já determinado. Como existência, estamos abertos à nossa possibilidade de ser, sempre diante de nosso poder ser no mundo. Existir é descobrir o que aparece, e o que aparece é o ente. À medida que faz o ente aparecer, o descobrimento simultaneamente se encobre no que é descoberto: o ser se oculta no ente que aparece. Por esse encobrimento constitutivo do descobrimento, Heidegger indica que, de imediato e na maioria das vezes, a presença tem a tendência de se fixar numa compreensão habitual dos entes, desviando-se de seu acontecimento existencial. Fixando-se numa realidade já constituída de si e do mundo, a presença decai da possibilidade aberta em sua compreensão de ser. Pela vigência mesma da verdade como descobrimento, a presença tem uma tendência constitutiva ao que foi caracterizado como decadência: o esquecimento do ser em favor da avalanche do ente.

¹⁸ Idem, *Ser e tempo* § 44b, p. 289.

*Em sua constituição ontológica, a presença é e está na ‘não-verdade’ porque é, em sua essência, de-cadente.*¹⁹ A não-verdade consiste no encobrimento constitutivo da verdade como descobrimento, fenômeno que caracteriza a possibilidade de algo ou se ocultar e, assim, não aparecer, ou aparecer como aquilo que ele não é, da aparência como falsidade. Semelhante às antigas compreensões gregas de *krýptesthai* e *pseudos*, Heidegger caracteriza a não verdade do encobrimento como recusar (*Versagen*) e como dissimular (*Verstellen*)²⁰. Por esse duplo modo de a verdade se encobrir, o descobrimento da clareira do ser, o que constitui a essência existencial da presença, precisa também se tornar um acontecimento efetivo, apropriar-se numa experiência de compreensão não apenas dos entes, mas, antes, do ser.

A compreensão do ser constitui a origem da existência, o princípio fundamental da presença; por sua vez, ser é sempre compreensão de ser. Como clareira da existência, vigência do descobrimento de ser-no-mundo, o ser não é um ente simplesmente dado. O ser perfaz a essência (*Wesen*) da presença. Ao contrário de duas substâncias separadas e autônomas, a presença é a instância de acontecimento do ser, o *Da-sein*: o ser consiste na propriedade da presença.

“O comum-pertencer de homem e ser ao modo da recíproca provocação nos faz ver, de uma proximidade desconcertante, o fato e a maneira como o homem está entregue como propriedade ao ser e como o ser é apropriado ao homem. Trata-se de simplesmente experimentar este ser próprio de, no qual homem e ser estão reciprocamente apropriados, experimentar que quer dizer penetrar naquilo que designamos acontecimento-apropriação”.²¹

Como de imediato e na maioria das vezes a presença se encontra decaída no ente, há nela a tendência de esquecer o ser e, desviando-se de sua clareira, ficar apegada à certeza dos entes. Por isso Heidegger nos fala também da verdade como uma modificação existencial da decadência, um acontecimento que, apropriando a presença em seu ser, promove a experiência do nexos fundamental entre ser e compreensão de ser. Como clareira de ser no mundo, a verdade é o acontecimento apropriante da presença, a descoberta do que o ente *é* a partir e através da compreensão aberta pela identidade entre pensar e ser – *pois o mesmo é pensar e ser*.

¹⁹ Idem, *Ser e tempo* § 44b, p. 290.

²⁰ Cf. Idem, A origem da obra de arte. In: *Caminhos de Floresta*, pp. 53-54.

²¹ Idem, O princípio da identidade. In: *Conferências e escritos filosóficos*, p. 184.